

ARTES DA ESCRITA DE CLARICE LISPECTOR

ARTS WRITING BY CLARICE LISPECTOR

Rodrigo da Costa Araújo
UFF/FAFIMA

RODRIGO DA COSTA ARAÚJO

Professor de Literatura Infantojuvenil e Teoria da Literatura (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Macaé - FAFIMA), Mestre em Ciência da Arte (UFF) e Doutorado em Literatura Comparada [UFF]. Pesquisador do Grupo Estéticas de Fim de Século, da Linha de Pesquisa em Estudos Semiológicos: Leitura, Texto e Transdisciplinaridade da UFRJ/ CNPq e do Grupo Literatura e outras artes, da UFF/ CNPq. Coautor das coletâneas *Literatura e Interfaces*, *Leituras em Educação* (Opção, 2011), *Saberes Plurais: Educação, Leitura & Escola*, *Literatura infantojuvenil: diabruras, imaginação e deleite*. (Opção, 2012)
E-mail: rodricoara@uol.com.br

Resumo: O objetivo desse ensaio é refletir sobre as representações da escrita nas crônicas de Clarice Lispector (1925-1977), publicadas, primeiramente, no JB, no período de 1967 a 1973 e, futuramente, reunidas na obra *A Descoberta do Mundo* (1992). As crônicas clariceanas, escolhidas para esse recorte, enovelam-se no processo de desmistificação da criação literária que se desnuda diante do leitor e, ao mesmo tempo, referindo-se à escrita/leitura como num jogo de espelhos ou citações, instigam criação e reflexão crítica, investindo-se, questionando-se, analisando-se. E, mais ainda, transfere essas indagações ao leitor, envolvendo-o e fisingando-o com a ajuda da metalinguagem.

Palavras-chave: metatextualidade - crônica - representações da escrita - Clarice Lispector.

Abstract: The purpose of this essay is to reflect on the representations of written in the chronicles of Clarice Lispector (1925-1977), published first in JB, in the period from 1967 to 1973, and eventually gathered in the book *The Discovery of the World* (1992). The Chronicles clariceanas chosen for this clipping, enovelam in the process of demystification of literary creation that lays bare before the reader and at the same time, referring to the reading / writing as a game of mirrors or citations, instigate creation and reflection critical, investing, questioning, analyzing. And furthermore, transfers these questions to the reader, wrapping it and hooking it with the help of the metalanguage.

Keywords: metatextualidade - chronic - representations of writing - Clarice Lispector.

DELICADEZA

Nem tudo o que escrevo resulta numa realização, resulta mais numa tentativa. O que também é um prazer. Pois nem tudo que escrevo eu quero pegar. Às vezes quero apenas tocar. Depois o que toco às vezes floresce e os outros podem pegar com as duas mãos.

[LISPECTOR, 1992, p.145]

Dos procedimentos discursivos da construção do texto literário, ganha destaque de forma significativa no século XX, e mais ainda no século XXI, a reflexão crítica da arte sobre si mesma, do discurso artístico que ao construir-se fala ou sugere o modo como se dá essa construção. Nessa trama, a literatura -, e, também, a poética de Clarice Lispector -, debruça-se sobre ela mesma e o texto, passa a ser tanto um produto de criação artística quanto um veículo de reflexão sobre o que vem a ser literatura. Trata-se, na verdade, de uma tentativa empreendida pela literatura de explicar-se a si mesma.

As crônicas clariceanas, apontadas aqui, enovelam-se no processo de desmistificação da criação literária que se desnuda diante do leitor e, ao mesmo tempo, referindo-se à escrita/leitura como num jogo de espelhos ou citações, instigam criação e reflexão crítica, investindo-se, questionando-se, analisando-se. E, mais ainda, transfere essas indagações ao leitor, envolvendo-o e fisingando-o com a ajuda da metalinguagem. A essa reflexão, sobre a narrativa, elaborada na própria estrutura do texto artístico, Gerard Genette, em *Palimpsestos* (1982), ao proceder o estudo das relações transtextuais, chamou de metatextualidade. Em *Introdução ao arquitrato* [1986], outro livro do autor, ele define a metatextualidade como “a

relação transtextual que une um comentário ao texto que comenta” (1986, p. 97). Nesse percurso ele inclui a metatextualidade entre os cinco tipos possíveis de relações transtextuais, utilizando o termo transcendência textual para designar o procedimento que coloca um texto em relação explícita com outros textos. Nesse caso, o processo metatextual de construção do texto ou narrativa em questão, o transforma num objeto de leitura dupla, já que nele estão “ficcionalizados” tanto a matéria ficcional, quanto o comentário sobre a escritura-leitura da ficção.

Ficcionalizando o processo de escrita e de leitura, então, as crônicas de Clarice Lispector sugerem uma construção que olha para si mesma, apontando para o seu processo, refletindo criticamente sobre os mecanismos utilizados na escritura e construindo, de certa forma, um modo de como devem ser lidas. As citações sobre o processo de escrever nas crônicas salientam, indiretamente, a fascinação da leitura, e, também, da escrita, no sentido de orientar o entendimento de um sistema que possa “explicar” a sua construção poética ou, de algum modo, revelar os seus mecanismos narrativos.

A metatextualidade, nesse caso, funciona como um recurso metafórico para falar do ato de ler e da literatura em si mesma, como objeto desejado, encantador e envolvente. O prefixo “meta” remete à relação crítica e se estabelece no apelo que um texto faz à sua própria interpretação. Essa atividade crítica e discursiva inserida nas crônicas sugere a preocupação do artista/escritor em mostrar-se consciente de sua atividade de operação sobre a linguagem, de construtora de discursos que se misturam, se observam e se completam. O viés crítico, nesse contexto, - tematizando a paixão de escrever, - torna-se matéria constituinte do livro, de forma que o assunto da trama textual passa a ser a própria literatura e a crítica indireta no processo de construção da própria obra. A metatextualidade, nessas crônicas, portanto, passa a ser uma estratégia para falar da “felicidade e da fruição clandestina” do próprio ato de ler e escrever como desejo experimentado e sugerido na obra.

A esse respeito, Roland Barthes considera que, enquanto linguagem, a literatura é capaz de voltar-se para si mesma, descobrindo-se “ao mesmo tempo objeto e olhar sobre esse objeto, fala e fala dessa fala, literatura-objeto e metaliteratura” (BARTHES, 1964, p.107). Para o autor de *Le plaisir du texte*, essa atitude da literatura de falar sobre si mesma aponta para o questionamento a respeito de sua natureza, de seu ser, afinal, por si só ecoando continuamente o questionamento: o que é literatura? Essas indagações críticas, segundo esse olhar, acabam estabelecendo uma relação dialética entre a literatura e ela mesma, seu processo de construção e sua identidade. Essa tendência moderna, como também fez Roland Barthes, em sua prática, opera aproximações entre crítica e produção literária, reflexão e fazer literário, tornando-os um único e mesmo objeto.

Aproximando-se dessa discussão e da concepção de escrita segundo Clarice, Compagnon, em *O trabalho da Citação* (2007), afirma:

Escrever [...] é sempre reescrever, não difere de citar. A citação, graças à confusão metonímica a que preside, é leitura e escrita, une o ato de leitura ao de escrita. Ler ou escrever é realizar um ato de citação. A citação representa a prática primeira do texto, o fundamento da leitura e da escrita: citar é repetir o gesto arcaico do recortar-colar, a experiência original do papel, antes que ele seja a superfície de inscrição da letra, o suporte do texto manuscrito ou impresso, uma forma da significação e da comunicação linguística. (2007, p.41)

LEITURAS DA ESCRITA, A ESCRITA COMO LEITURA

Tal qual na história da criação do mundo, em que primeiro foi necessária a palavra para a existência dos seres, em Clarice Lispector, igualmente, o dizer/escrever/ler constitui-se no próprio ato/gesto delicado de sua revelação-criação. Talvez porque, como ninguém, soube experimentar, à exaustão, o que, para ela, significava a escrita. Não a pura magia, o encantamento; mas a escrita enquanto possibilidade de enunciação-processo revelador-desvelador que permite instaurar diferentes sentidos e produzir uma interlocução real. Uma interlocução que estabelece consigo mesma e com seu possível leitor. Na verdade é possível dizer que, para Clarice, a escrita não é apenas fascínio, mas significa muito mais: o lugar de constituição de si mesma enquanto sujeito e das relações com o outro e com o mundo.

A profunda paixão que Clarice Lispector nutria pela linguagem escrita tem sido objeto de discussão por parte de alguns estudiosos da literatura, a partir da análise de sua obra. Estabelecemos, no entanto, um recorte como referência única a leitura que a escritora faz da escrita nas crônicas que escreveu para JB, no período de 1967 a 1973 e que foram reunidas na obra *A Descoberta do Mundo* (1992).

Considerando o gênero crônica, no qual se inscrevem os traçados e adjetivos dessa leitura, é importante ressaltar o caráter profundamente subjetivo assumido pela autora no ato de sua escritura:

Sei que não sou [cronista], mas tenho meditado ligeiramente no assunto. [...] Crônica é um relato? É uma conversa? É o resumo de um estado de espírito? Não sei, pois antes de começar a escrever para o *Jornal do Brasil* eu só tinha escrito romances e contos. Quando combinei com o jornal escrever aqui aos sábados, logo em seguida morri de medo. Um amigo [...] disse: escreva qualquer coisa que lhe passe pela cabeça, [...], porque coisas sérias você já escreveu, e todos os seus leitores hão de entender que sua crônica semanal é um modo honesto de ganhar dinheiro. No entanto, por uma questão de honestidade para com o jornal, que é bom, eu não quis escrever tolices. As que escrevi, e imagino quantas, foi sem querer LISPECTOR, 1992, pp. 112-113).

Na literatura de livros permaneço anônima e discreta. Nesta coluna estou de algum modo me dando a conhecer. Perco minha intimidade secreta? Mas o que fazer? É que escrevo ao correr da máquina e, quando vejo, revelei certa parte de mim." (LISPECTOR, p. 139, 1992, p. 139).

E também perceber, à medida que escrevia para aqui, ia me tornando pessoal demais, correndo o risco daqui em breve de publicar minha vida passada e presente, o que não pretendo (LISPECTOR, 1992, p. 113).

Questionando a escrita ou sobre sua própria pessoa, Clarice Lispector torna suas crônicas muito semelhante ao diário íntimo. Diante do mundo, desses questionamentos sobre a escrita e sobre o atrás das aparências das coisas, ela focaliza o interior que é desvendado pelo imaginário. Como se estivesse meditando sobre si mesma, a escritora escreve, se explica e se constrói:

[...] E, apesar de admirar a inteligência pura, acho mais importante para viver e entender os outros, essa sensibilidade inteligente. Inteligente são quase que a maioria das pessoas que conheço. O que, suponho, eu uso quando escrevo, e nas minhas relações com amigos, é esse tipo de sensibilidade. [...] Outra coisa que não parece ser entendida pelos outros é quando me chamam de intelectual e eu digo que não sou [...]. Literatura também não sou porque não tornei o fato de escrever livros “uma profissão”. Sou uma amadora? O que sou então? (LISPECTOR, 1992, p. 152-153).

Portanto, enquanto escritora de “livros”, o sujeito que parece é apenas um articulador de uma trama, num processo de *reinvenção do mundo*; enquanto que na crônica existe um *eu* que capta o sentido na sua relação com o cotidiano, num processo de *descoberta do mundo*. Nessa consciência de um sujeito que se expõe e se manifesta, subjaz, de alguma maneira, uma revelação mais espontânea e individual do que, para Clarice Lispector, significa escrever.

A ESCRITA PARA CLARICE LISPECTOR

O que, a princípio, se destaca do que Clarice Lispector revelou sobre o ato de escrever aponta para uma relação imbricada entre escritura e vida. Nessas relações e jogo discursivo, não existe de um lado a escrita e do outro a vida. Viver e escrever - feitas encenações de um teatro - fazem parte de um mesmo processo. Vida e escrita se fazem enunciação, como um conjunto harmonioso e estético: viver é condição para escrever; escrever é condição para viver. É, como a escritura, algum gesto que se funde, inseparável:

Adestrei-me desde os sete anos de idade para que um dia tivesse a língua em meu poder. E, no entanto, cada vez que eu vou escrever, é como se fosse a primeira vez. Cada livro meu é uma estréia penosa e feliz. Essa capacidade de me renovar toda à medida que o tempo passa é o que eu chamo de viver e escrever. (LISPECTOR, 1992, p. 99).

O contato com o outro ser através da palavra escrita é uma glória. Se me fosse tirada a palavra pela qual tanto luto, eu teria que dançar ou pintar.

Alguma forma de comunicação com o mundo eu daria um jeito de ter. E escrever é um divinizador do ser humano.

Como? Mas como é que eu escrevi nove livros e em nenhum deles eu vos disse: Eu vos amo? Eu amo quem tem paciência de esperar por mim e pela minha voz que sai através da palavra escrita. Sinto-me de repente tão responsável. Porque se sempre eu soube usar a palavra - embora às vezes gaguejando - então sou uma criminosa se não disser, mesmo de um modo sem jeito, o que quereis ouvir de mim. O que será que querem ouvir de mim? Tenho o instrumento na mão e não sei tocá-lo, eis a questão. Que nunca será resolvida. Por falta de coragem? Devo por contenção ao meu amor, devo fingir que não sinto o que sinto: amor pelos outros?

Para salvar esta madrugada de lua cheia eu vos digo: eu vos amo.

Não dou pão a ninguém, só sei dar umas palavras. E dói ser tão pobre. Estava no meio da noite sentada na sala de minha casa, fui ao terraço e vi a lua cheia - sou muito mais lunar que solar. E uma solidão tão maior que o ser humano pode suportar, esta solidão me toma se eu não escrever: eu vos amo. Como explicar que me sinto mãe do mundo? Mas dizer "eu vos amo" é quase mais do que posso suportar! Dói. Dói muito ter um amor impotente. Continuo porém a esperar (LISPECTOR, 1992, p. 94).

Mas quem? Quem me obriga a escrever? O mistério é esse: ninguém e, no entanto, a força me impelindo (LISPECTOR, 1992, p. 207).

Todo esse jogo da escrita (escrever/não escrever/como escrever) presente nas crônicas de Clarice reforça a sensação de deixar o leitor diante de uma realidade construída pela linguagem. É como se, uma vez proibido o ato de escrever, nada mais existisse ou teria significado. Esta relação escrita-vida é sentida por Clarice como uma predestinação que, também, revela a força da palavra: "E nasci para escrever. A palavra é o meu domínio sobre o mundo" (LISPECTOR, 1992, p.99).

Se, de um lado, a escrita se manifesta nesta fusão à própria vida, por outro lado é essa fusão que permite ainda vislumbrar que, ao escrever, a autora, enquanto aquela que é instrumento da própria escrita, se atribui a dimensão de um deus: "O contato com o outro ser através da palavra escrita é uma glória. [...] E escrever é um ato divinizador do ser humano" (LISPECTOR, 1992, p.94).

Esse processo de deificação se manifesta em algumas passagens marcantes que apontam para um deus Clarice. Um deus que, pela linguagem escrita, contraditoriamente, salva a si mesma e aos outros - salva, ressignifica e abençoa. A aliança da escrita à vida assumida por Clarice Lispector fala, dentre outras grandezas, da experiência como fator vital no exercício da escrita.

Escrever é uma maldição, mas uma maldição que salva [...] salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva a dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva (LISPECTOR, 1992, p. 136).

Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada (LISPECTOR, 1992, p. 136).

Nesta crônica, cujo título é *Escrever* ressalta-se que deus não é o deus da redenção, do poder, mas o deus representado na misericórdia, que abençoa e purifica no tentar dizer-se, no revelar-se pela palavra escrita. Da mesma forma com que Clarice retrata esse deus, reconhece-se também profundamente humana, o que a faz ilimitada e incompleta. Isto é, ao mesmo tempo em que é deus, convive, paradoxalmente, com o seu lado de ser sujeito comum, o que estabelece, em alguns momentos, um conflito, na busca do preenchimento de vazios e no reconhecimento do mundo. Esse conflito é perceptível, por exemplo, na construção consciente de que o sujeito nunca está pronto, é sempre um ser em construção:

Em algum ponto deve estar havendo um erro: é que, ao escrever, por mais que me expresse, tenho a sensação de nunca na verdade ter-me expressado. A tal ponto isso me desola que me parece, agora, ter passado a me concentrar mais no querer expressar do que na expressão mesma (LISPECTOR, 1992, p. 270).

Não se trata, no entanto, de um conflito que aniquila, mas, e antes de tudo, da aceitação tranquila de se sentir um ser em criação poética constante:

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra - a entrelinha - morde a isca, alguma coisa se escreveu (LISPECTOR, 1992, p. 414).

E, como Deus necessitou/necessita do homem para completar a sua criação ou obra divina, também Clarice Lispector, pela escritura, reconhece a dependência do outro - o leitor - como condição para que sua arte se complete:

Nem tudo o que escrevo resulta numa realização, resulta numa tentativa. O que também é um prazer. Pois nem tudo quero pegar. Às vezes quero apenas tocar. Depois, o que toco às vezes floresce e os outros podem pegar com as duas mãos (LISPECTOR, 1992, p.145).

Reaparece aqui a visão sacra da escrita: “quero apenas tocar”, isto é, fazer florescer, abençoar. Clarice permite ao leitor o ato de “pegar”, que é concreto e resultado de sua bênção, criando, com ele, uma cumplicidade que só a ela cabe estabelecer. Afirmação, portanto, de que entende o trabalho literário como constituição da expressão do outro: “Ao mesmo tempo que inteiramente individual é com reações próprias, (o leitor) é tão terrivelmente ligado ao escritor que, na verdade ele, o leitor, é o escritor” (LISPECTOR, 1992, p.76).

Para Clarice a escrita tem, ainda, uma função relevante: a de permitir “descobrir-se” no mundo. É pela escrita - e somente através dela - que a autora toma consciência de si mesma; num processo que poderíamos denominar de “anunciação”:

É que, ao escrever, me dou as mais inesperadas surpresas. É na hora de escrever que muitas vezes fico consciente das coisas das quais, sendo inconsciente, eu antes não sabia que sabia (LISPECTOR, 1992, p.271).

Vou me seguindo, mesmo sem saber ao que levará. Às vezes ir me seguindo é tão difícil - por estar seguindo em mim o que ainda não passa de uma nebulosa - que termino desistindo (LISPECTOR, 1992, p.328).

É a escrita que permite a revelação e, ao mesmo tempo, a liberação do que traz escondido dentro de si: “Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador” (LISPECTOR, 1992, p. 136)

Escrever é poder, ainda, trazer à tona, desvendar realidades ocultas ou nunca vistas: “Escrever é tantas vezes lembrar-se do que nunca existiu.” (LISPECTOR, 1992, p.415). Na verdade, ao escrever, é ela, Clarice Lispector, sendo dita ao mesmo tempo que diz. Um processo de luz, de clareamento; é a escritora sendo criada, existindo. Por isso escrever se torna imprescindível:

Minhas intuições se tornam mais claras no esforço de transpô-las em palavras. É neste sentido, pois, que escrever me é uma necessidade [...] Escrevo pela incapacidade de entender sem ser através do processo de escrever (LISPECTOR, 1992, p.251).

E é dessa forma e porque assim o é, que a escrita, para Clarice Lispector, se constitui num prazer, na medida em que escrever é ir ao encontro do inusitado, o que vem atribuir ainda, ao ato de escrever, o senso de aventura: “Estou viciada em viver nessa extrema intensidade.” (LISPECTOR, 1992, p. 162).

Clarice Lispector sabe que na aventura de escrever se inscreve a aventura de se delinear diante do outro, de manifestar, na medida em que a própria escrita permite, o que o ser humano tem de mais insondável e misterioso: a própria alma:

Falei nisso com um amigo que me respondeu: mas escrever é um pouco vender a alma. É verdade [...] Vendo, pois, para vocês com o maior prazer uma certa parte de minha alma (LISPECTOR, 1992, p. 22).

Eu amo quem tem paciência de esperar por mim e pela minha voz que sai através da escrita (LISPECTOR, 1992, p. 94).

Trata-se ainda de uma revelação da qual a escritora não tem medo, pelo contrário, busca escrever o mais próximo possível do verossímil - o que se poderia denominar sinceridade - também como condição para que a sua escrita exista:

De um lado, porque escrever é um modo de não mentir o sentimento (a transformação involuntária da imaginação é apenas um modo de chegar) [...] Se tomo um ar hermético, é que não só o principal é não mentir o sentimento como porque tenho incapacidade de transpô-lo de um modo claro sem que o minta - mentir o pensamento seria tirar a única alegria de escrever (LISPECTOR, 1992, p.251).

É possível ainda entender como a escrita (tal qual a concebe Clarice Lispector) se forma e se completa. A principal referência está no afirmar que a escrita existe na obscuridade de um sujeito, numa situação inteiramente individual: “A hora de escrever é um reflexo de uma situação toda minha. É quando sinto o maior desamparo” (LISPECTOR, 1992, p.162). Além disso, só é possível conceber a escrita numa condição de total liberdade:

Sinto que já cheguei quase à liberdade. A ponto de não precisar mais escrever. Se eu pudesse, deixava meu lugar nesta página em branco: cheio do maior silêncio. E cada um que olhasse o espaço em branco, o encheria com seus próprios desejos (LISPECTOR, 1992, p.375)

Dentro dessa percepção, escrever, para Clarice Lispector, passa pela questão do desejo e das sutilezas do erótico¹. É o desejo que a impede e a conduz à aventura que só a escrita pode permitir. Porque, segundo a autora, excetuando a situação em que concebe a escrita, essa escrita não existe. Assim, a escrita em Clarice só se constitui no próprio ato de escritura:

Quando não estou escrevendo, eu simplesmente não sei como se escreve. E, se não soasse infantil e falsa a pergunta das mais sinceras, eu escolheria um amigo escritor e lhe perguntaria: como é que se escreve? [...] Porque fora das horas em que escrevo, não sei absolutamente escrever (LISPECTOR, 1992, p.161).

Dessa forma, escrever em liberdade implica, também, a liberdade da construção do texto enquanto objeto formal:

É por isso que ao escrever eu não escolho, não posso me multiplicar em mil [...] Aliás, pensando melhor, nunca escolhi linguagem. O que eu fiz, apenas, foi ir me obedecendo [...] Agora um pedido: não me corrija. A pontuação é a respiração da frase, e a minha frase respira assim. E se você me achar esquisita, respeite também (LISPECTOR, 1992, p.70).

¹ A este respeito e recorte, ler o livro CHALHUB, Samira. *Poética do Erótico*. São Paulo. Escuta. 1993. O livro, além de fazer uma belíssima leitura semiótica do erotismo, dedica um capítulo a Clarice Lispector.

A escritora de *Felicidade Clandestina* não sofre, ao escrever, o embate entre o que é forma e o que é conteúdo. Para ela é impossível dicotomizar o que é, por natureza, indissociável. E se, ao escrever, ela não escolhe, sua escrita toma forma na intuição:

Mas, por Deus, o problema é que não há de um lado um conteúdo, e de outro a forma [...]. Para falar a verdade, não se pode pensar num conteúdo sem sua forma. A intuição é a funda reflexão inconsciente que prescinde de forma enquanto ela própria, antes de subir à tona, se trabalha. [...] A dificuldade de forma está no próprio constituir-se do conteúdo, no próprio pensar ou sentir, que não saberiam existir sem sua forma adequada e às vezes única (LISPECTOR, 1992, p.2710).

O que escrevo não se refere ao passado de um pensamento, mas é o pensamento presente: o que vem à tona já vem com suas palavras adequadas e insubstituíveis, ou não existe (LISPECTOR, 1992, p. 303).

Escrevendo, tenho observações por assim dizer passivas, tão interiores que se escrevem ao mesmo tempo em que são sentidas, quase sem o que se chama de processo (LISPECTOR, 1992, p.343).

É a escrita que permite a Clarice Lispector reconhecer, em si mesma, uma face não revelada: uma força que a domina, como certo exorcismo:

O que acontece com a pessoa encabulada que é você, enquanto tem ousadia de escrever? Desabrocho em coragem, embora na vida diária continue tímida (LISPECTOR, 1992, p.331).

Exorcizar-se é fazer uma travessia que implica dor, porque é como filtrar, aos poucos, o que lhe pode dar a total contemplação de si mesma. A recompensa logo vem: é da dor e pela dor que surge a purificação - estado de graça e de plenitude, prazer de existir.

Uma constante nas afirmações de Clarice é o sentido redentor da escrita, isto é, escrever é poder salvar-se e, em consequência, salvar os outros. O processo de “salvação” inclui, fundamentalmente, a descoberta de si mesma, a revelação do que tem de mais recôndito e de mais puro. Só assim é possível a *Descoberta do Mundo*. Só assim: uma escrita que existe no processo de viver; uma vida que existe no processo de escrever. Esse entrecruzamento permite, de alguma forma, a manifestação da identidade de um ser meio divino, meio humano.

Nesse caso, escrever é um “existir-se pela escrita”, no embate entre o prazer e a dor, na medida em que permite ultrapassar o sentido oculto de si mesmo, dos outros e do mundo. Uma revelação de que é através da linguagem e só pela linguagem escrita que a realidade pode ser construída, percebida e desvelada. Porque escrever é, para Clarice, escrever de si mesma, nos seus múltiplos sujeitos, é identificar-se como linguagem e constituir-se nela mesma.

E, como a linguagem escrita é algo que não se esgota nunca, é gratificante perceber, pela escritura, que Clarice Lispector redimensiona e “recria” a cada leitor que a “pega com as duas mãos” e aceita o convite de uma aprendizagem de vida e de amor pela literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade crítica sobre a escrita ou a própria crítica sobre o ato de ler inserida no texto ficcional ou as crônicas aqui citadas revela, além do próprio gesto lúdico de escrever (sempre fantasiado, encenado de algum modo), a preocupação por parte do escritor em mostrar-se consciente de sua atividade de operação sobre a linguagem de construtor de discursos que se interpenetram, se observam e se completam. O discurso crítico, -do código pelo código ou a leitura dentro da leitura -, torna-se a atividade lúdica constituinte do texto ficcional de forma que a matéria da literatura é a própria literatura e a crítica ou o leitor passa a ser mais do que um olhar sobre a narrativa/texto, torna-se, mesmo, um processo criativo de construção da própria metáfora da escrita. É certa *mise en abyme*² desse gesto, poética da leitura e escrita.

Na metatextualidade explorada nessas crônicas, os limites entre o texto observado e o texto que o leitor constrói tornam-se tênues, já que o texto, enquanto é construído, desnuda, analisa e avalia, metalinguisticamente, os seus processos de construção. Os escritores contemporâneos que optam por esse trabalho, de certa forma, demonstram grande preocupação em colocar-se criticamente diante do ato de ler e, também, das tendências artísticas contemporâneas.

Pela escrita, Clarice Lispector inventa o mundo como inventa a si mesma. As suas crônicas falam desse processo inventivo e fazem o leitor perceber, nas pequenas descrições e fatos, o detalhe significativo e engrandecedor da escrita, da literatura. No cotidiano mais simples, mais banal e na aparente mediocridade dos seres, a escrita faz brilhar o detalhe cintilante. A descoberta do mundo, ou mesmo, as descobertas pela escrita, revelam invenções desse próprio mundo e dessa própria arte.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Essais critiques*. Paris. Seuil. 1964.

_____. *Le plaisir du texte*. Paris. Seuil. 1973.

² Um dos recursos mais interessantes usados pelas artes contemporâneas para refletir sobre ela mesma é o emprego ou a técnica da *mise-en-abyme*, geralmente representada pela história dentro da história. A definição que Dällenbach propõe para a *mise-en-abyme* nos fala que o fragmento reflexivo deve espelhar “o conjunto do relato”, o que não inclui apenas o enunciado, mas também o processo de enunciação e o código em que é feito o relato. Diz-nos ele que: “um espelhamento é um enunciado que reenvia ao enunciado, à enunciação e ao código” (DÄLLENBACH, 1977, p. 62).

- _____ ;COMPAGNON, Antoine. *Leitura*. In: ROMANO, Ruggiero. Org. Enciclopédia Einaudi. Lisboa. Imprensa Nacional/Casa da Moeda. 1987.v.11. pp.184-206.
- BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: Esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1981.
- COPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.
- CHALHUB, Samira. *Poética do Erótico*. São Paulo. Escuta. 1993.
- DALLENBACH, Lucien. *Le récit spéculaire. Essai sur mise en abyme*. Paris. Seuil, 1977
- GENEITE, Gerard. *Palimpsestes. La littérature au second degré*. Paris. Seuil. 1982.
- _____. *Introdução ao arquiteyto*. Lisboa: Vega, 1986.
- GOTLIB, Nádia B. *Clarice. Uma vida que se conta*. São Paulo. Ática. 1995.
- JENNY, Laurent. *Poétique. Intertextualidades. Revista de Teoria e Análise Literária*. Coimbra, 1979.
- LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1992.
- _____. *Água viva*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1980.
- _____. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro. Rocco. 1998.
- _____. *Um sopro de Vida (Pulsações)*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1978.
- NOLASCO, Edgar César. *Clarice Lispector: nas entrelinhas da escritura*. São Paulo. Annablume. 2001.
- NOVELLO, Nicolino. *O ato criador de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro. Presença Brasília. 1987.
- PAIXÃO, Sylvia. *Um sopro de vida na hora da estrela - Uma leitura das crônicas de Clarice Lispector*. In: Revista Tempo Brasileiro. Clarice Lispector. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro. v.1, 1962.pp.111-120.
- SÁ, Olga de. *Clarice Lispector: a travessia do oposto*. São Paulo. Annablume. 1993.
- SCHNEIDER, Michel. *Ladrões de palavras*. Campinas. Ed. Unicamp. 1990.